

Pesquisar “Dentro do Abraço”: Velhice, Feminismos e Políticas de Memória

Researching “Within the Embrace”: Old Age, Feminisms, and Memory Politics

Investigar “Dentro del Abrazo”: Vejece, Feminismos y Políticas de Memoria

Maria Laura Medeiros Bleinroth

Universidade Estadual Paulista (UNESP), São Paulo, SP, Brasil.

Érika Cecília Soares Oliveira.

Universidade Federal Fluminense (UFF), Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Resumo

Neste artigo, a memória é matéria-prima do processo de pesquisa. Nele, a pesquisadora destina cartas à sua avó, Aurora, anciã moradora dos Queimados, sítio localizado na região rural da Zona da Mata alagoana. A partir do trabalho de memória da pesquisadora — suas andanças no interior, os cheiros dos doces da vendinha, as flores da bougainville — ela se conecta com as memórias, agora menos acessíveis, da avó que vivencia uma demência associada ao Parkinson. Uma rede memorialística se levanta no entrelaçamento de memórias: da pesquisadora, da avó e das interlocutoras idosas da pesquisa. A aposta neste texto reside no gesto de descolonização da memória e da escrita, tão caro aos feminismos, que apostam na produção de contraficções responsáveis por desalinhar as normatividades da vida.

Palavras-chave: feminismos, memória, cartas, escrita.

Abstract

In this article, memory is the raw material of the research process. In it, the researcher addresses letters to her grandmother, Aurora, an elderly woman living in Queimados, a rural site located in the Zona da Mata region of Alagoas. Through the researcher’s work with memory—her wanderings through the countryside, the smells of sweets from the little store, the bougainvillea flowers—she connects with the memories, now less accessible, of her grandmother, who is experiencing dementia associated with Parkinson’s disease.

A memorial network emerges from the interweaving of memories: those of the researcher, the grandmother, and the older women who participate in the study. This text is grounded in the gesture of decolonizing memory and writing—a gesture deeply valued by feminisms committed to producing counterfictions that disrupt normative structures of life.

Keywords: feminisms, memory, letters, writing.

Resumen

En este artículo, la memoria es la materia prima del proceso de investigación. En él, la investigadora dirige cartas a su abuela, Aurora, una anciana que vive en Queimados, un sitio ubicado en la zona rural de la Zona da Mata alagoana. A través del trabajo de memoria de la investigadora —sus recorridos por el interior, los olores de los dulces de la tiendita, las flores de bugambilia— se conecta con las memorias, ahora menos accesibles, de la abuela que experimenta una demencia asociada al Parkinson. Una red memorialística se levanta en el entrelazamiento de memorias: las de la investigadora, las de la abuela y las de las interlocutoras mayores de la investigación. Este texto se fundamenta en el gesto de descolonización de la memoria y de la escritura, tan valorado por los feminismos que se dedican a la producción de contraficciones capaces de desalinear las normatividades de la vida.

Palabras clave: Docentes; Productividad; Auto-emprendimiento; Capital humano; Posgraduación.

Introdução

Escrever é como pular de uma montanha. É abrir seu estômago e examinar suas entranhas e dizer às outras pessoas: “Esse pedaço de víscera é sobre aquele tempo tal e tal coisa aconteceu e está conectada a outras pessoas e ao mundo de tal e qual forma.” (Anzaldúa, 2021, pp. 169-170).

Este artigo faz parte de uma pesquisa de mestrado conduzida entre 2019 e 2021, no âmbito de um programa de pós-graduação em Psicologia no período de 2019 a 2021 em uma universidade federal situada na região Nordeste do Brasil. A investigação teve como objetivo compreender os itinerários acionados por mulheres idosas para acessar espaços educativos em territórios não convencionais, estabelecendo, com

isso, um vínculo entre educação e o chão pisado. Tínhamos como finalidade acompanhar essas mulheres em suas trajetórias de aquisição de conhecimento, tendo a maioria delas sequer completado o ensino básico.

Um coletivo de bordadeiras alagoanas participou da pesquisa e, a partir de suas memórias, pudemos perceber que o conhecimento chegou a elas por meio de pedagogias clandestinas (Streck, 2006) e pela partilha de saberes com mulheres de seu entorno que ensinavam, através de suas sabedorias, como obter conhecimento que lhes servisse para a sobrevivência diária. A interseccionalidade operou como ferramenta analítica na compreensão dos processos de aprendizagem das bordadeiras, conectando geração, gênero, classe, região e raça. O que chamamos de

“chão pisado” refere-se aos territórios existenciais nos quais os pés dessas mulheres idosas estavam mergulhados e o quanto eles eram responsáveis por auxiliá-las, a partir de trocas e interações sociais dentro de suas comunidades, a interpretar a realidade social e, com isso, formularem conhecimentos. Oralidades e manualidades eram as ferramentas utilizadas para ensinanças: conversas trocadas no miudinho, nas bordas, no não acesso — tantas vezes — aos bens materiais e simbólicos, como a educação.

Por se tratar de uma pesquisa feminista, tornou-se incontornável a necessidade de a pesquisadora mergulhar em um exercício de memória a fim de estabelecer conexões a respeito do modo como as anciãs que fizeram parte de sua vida foram responsáveis, em alguma medida, pelo seu desejo de estudar processos de envelhecimento e feminismos. Enquanto costurava com as interlocutoras da pesquisa os seus caminhos de aprendizagens, a primeira autora deste texto praticava a escrita de cartas destinadas às mulheres idosas de sua família e, aqui, trazemos aquelas enviadas para a sua avó Aurora que, naquele momento, vivia o esfacelamento da própria memória em virtude da idade que

avançava e da demência associada à doença de Parkinson. Essas cartas comportam vicissitudes que contemplam a intergeracionalidade e os processos de envelhecimento da remetente e da destinatária, ambas refletidas em suas especificidades temporais e geracionais.

Com os pés fincados no solo de suas anciãs, as narrativas escutadas e as vivências exaladas dessas mulheres entranharam a sensibilidade em ver as marcas singulares dos seus processos de envelhecimentos, ressoados por subjetividades vibrantes e contornados por modos de ser, sentir, pensar e viver imbricados em existências tecidas durante toda uma vida e habitadas inteiramente no mesmo chão rural. Nos seus movimentos cotidianos, suas anciãs retiniam que as tessituras de suas vidas escapavam a quaisquer intentos de apreendê-las em uma uniformidade existencial. Ao contrário, atentavam que as suas trajetórias foram tramadas por itinerários operados nas *grietas* ao passo que traziam consigo marcas de outras dimensões alinhadas a gênero e geração, tais como as suas ruralidades, o pouco ensino em estudo formal e até mesmo as incidências orgânicas expressas em seus corpos (Collins & Bilge, 2021).

O tracejar dos vestígios legados por essas mulheres nos entrelaçam a compreensão de “mulheridades” (Nascimento, 2021) idosas, de modo que são vistas e contextualizadas a partir da pluralidade de suas intersecções, opressões, violências e resistências a fim de acentuar ponderações específicas e corporificadas acerca de suas existências (Collins & Bilge, 2021). Mirar as pulsações de suas subjetividades, desde os seus enraizamentos geográficos e pelas minuciosidades existentes ademais de uma perspectiva orgânica do corpo, atija a percepção de que os fios de múltiplas velhices só podem ser avistados ao traçar uma insubordinação às teorias que capturam singularmente os seus envelhecimentos tais como as diferentes subjetivações imbuídas a esses processos. Todavia, o acercamento com tessituras outras, a exemplo das teorias oralizadas e encarnadas pelas anciãs da pesquisadora, desafina os discursos colonizadores e tolhedores das minúcias de vivências pluriversais à medida que descortina tramas de vidas fiadas nas brechas da sociedade.

Banhada pelas epistemologias produzidas pelas anciãs de sua vida, foi possível sustentar uma política de escrita

corporificada ou, mais apropriadamente, uma corpografia (Oliveira, Bleinroth & Santos, 2022). Corpografia é inspirada em um foto-ensaio de Cabrera (2016) e que se transfigura, nas mãos da primeira autora, no modo como o corpo pensa por meio dos sentidos e como eles são atiçados. As lembranças são os braços que envolvem este corpo e desenham outras formas de mirar o passado, se reconciliar com ele, afetar-se e desmontar afetos inéditos. Relações.

Pareceu-nos um gesto importante olhar para os rostos das mulheres idosas da pesquisa e, a partir de seus olhares, debruçar para dentro de si, investigando tudo aquilo que geralmente é deixado na antessala de uma pesquisa. À medida em que o caminho era trilhado, perguntas se refaziam:

Onde começa uma pesquisadora e onde termina? Termina? Sobre a pesquisa: tem início apenas com a entrada em um programa de pós-graduação ou está entrelaçada com a história de suas ancestrais e experiências vividas? É possível não se misturar ao tema da pesquisa, como não o deixar nascer, crescer e se fortificar no próprio ventre, nos ossos? Quantas memórias cabem dentro do peito de uma pesquisadora?

Apenas as memórias das interlocutoras cabem? Como conhecer a história das outras sem conhecer a sua própria história?

Qual a carga poética que podemos encontrar em nós quando ‘esculpimos nosso rosto’ (Anzaldúa, 2000) nas linhas de uma pesquisa? A poesia serve como um ato de descolonização da escrita, da academia, das relações institucionais? E a memória?

Nas andanças da pesquisadora, ela se colocou “dentro do abraço” de suas idosas, tal como faz o escritor Valter Hugo Mãe (2019) em seu livro “As Mais Belas Coisas do Mundo”. Dentro do abraço, ele relembrou as ensinanças das quais fez parte desde bem criança nas sombras de suas árvores preferidas. Ali, ele narra suas aprendizagens na relação com seus avós maternos e paternos. O abraço do avô era uma casa que acolhia o pequeno menino nas aventuras de descobrir o mundo a partir dos caminhos que o idoso abria diante de seus olhos.

“Dentro do abraço” da avó, das idosas, foi o modo que optamos para construir essa pesquisa. De inscrever conexões entre as mulheres idosas bordadeiras e as idosas ancestrais, o coração entremeado com todas elas. Jeito de encontrar semelhanças e distâncias – o

fato de serem nordestinas, de habitarem espaços rurais, de serem mulheres, de não terem acessado os espaços urbanos escolarizados. No caso da tia e da avó da pesquisadora, a recusa se deu por desejarem permanecer no campo, estudando ali, com os pés empoeirados pelos conhecimentos produzidos no sítio – diferente das idosas-interlocutoras da pesquisa, cujo não acesso se deu devido às desigualdades educacionais existentes no país.

Pegar os pedaços de vísceras entre as mãos e nomear, esparramar o corpo pela pesquisa, foi a aposta política desta escritura. Gloria Anzaldúa (2000, 2021) foi a pensadora que ajudou a talhar a terra e abrir os caminhos para seguirmos neste tipo de aposta estética. Com ela, conseguimos fazer uma “escrita do interior”. Interior não apenas referido ao espaço interno da pesquisadora, mas o interior rural, com seus vilarejos, calmaria, outro espaço-tempo para trocas, pensares, agires. Escrever e pesquisar na encruzilhada de gêneros narrativos: teoria, cartas, poesias (Anzaldúa, 2021), bagunçar o status quo a fim de ser mais honesta com as sujeitas interlocutoras, consigo mesma, desfazendo arquiteturas cognitivas binárias e monoculturais. Nesse sentido, as cartas

encarnam o exercício de descolonização tanto da escrita quanto da memória.

Cartas: O Chão Pisado

1º de Março de 2020

Voinha,

Ontem me vi em seus braços pela primeira vez após me tornar uma mulher adulta. A senhora olhou para mim e enxergou uma bebezinha que, por tantas vezes, deve ter segurado quando pequena. Infelizmente, não tenho essas lembranças, mas, neste momento, pude sentir presente todo o seu amor dedicado outrora a mim. Com seus braços esticados e sua fala carinhosa, balbuciou: “Chegue, venha pra vovó.” Esse momento ocasionou um misto de emoções em mim. Por um momento, eu parei e fiquei sem reação. Eu queria chorar. Minha fala ficou embargada. Mas eu senti a sua leveza e a sua imersão naquela outra realidade. Retornou a me chamar, enquanto eu ainda estava paralisada. Prefiri entrar na sua leveza e ir para seus braços, enquanto a senhora se acomodava e se ajeitava na cadeira para me segurar. Sentei-me em suas pernas e, ali, recebi seu toque de carinho. E voltei a ser uma bebê. E eu queria chorar como uma. Eu sabia que aquele momento representava coisas diferentes para nós.

Para mim, a dor de ver os efeitos da demência, que aos poucos vai ocupando cada vez mais espaço. Para a senhora, mesmo que eu não possa afirmar com certeza, estava imersa em um momento de lembranças, talvez dos cuidados com as/os filhas/os, com as/os netas/os e com qualquer outra criança que aparecesse.

Sabe, voinha, por muitas vezes me encontrei lutando contra o seu amor e estabelecendo barreiras entre nós, sobre nossos laços, e eu não sei bem ao certo o porquê. Na verdade, não só contra a senhora, mas contra as mulheres da nossa família. Inclusive com mainha. Me chamavam de “Maria Aurorinha” na infância, e isso me incomodava. Hoje, eu vejo potência em seu nome, e muito mais na senhora.

A senhora sempre foi de dizer tudo muito na cara, doa a quem doer. Hoje vejo que não era por maldade, mas eram, de certa forma, cicatrizes que carregava na alma e que a tornaram não tão sutil com as palavras. Sempre na defensiva. Hoje, sua memória oscila, e às vezes é difícil acompanhar do que se trata o assunto. No entanto, percebo a sua viagem ao passado como se fosse ontem. Conheci de seus antigos amores e dores antes fechados a sete chaves. Sempre misteriosa, recoberta por uma nuvem de suspense. Queria saber

de nossas vidas, mas a sua sempre foi muito resguardada. Por incrível que pareça, hoje tenho conhecido mais da senhora. Não tanto quanto gostaria. Eu acredito que nunca lhe falei sobre meu amor pelos Queimados, seu sítio. Quando mais nova, meu lugar de paz era sua morada. Preferia ir aproveitar as belezas de lá a ir para a capital. Minhas memórias têm um cheiro de terra molhada e um céu estrelado que só pode ser sentido ou visto longe da aglomeração urbana. Minhas pernas corriam livremente e, mesmo eu sendo medrosa, pude explorar as redondezas da sua casa. Para mim, era uma vastidão de liberdade. Nunca fui tão livre quanto lá. À noite, o cantar dos grilos se tornava uma canção de ninar.

Essas memórias me fazem compreender o quão doloroso deve ter sido para a senhora sair de lá. Se, em mim, esse lugar tem um espaço grande no coração e é marcado pela afetividade, não consigo ter dimensão de todas as suas vivências e do quanto foi doloroso ter saído da sua terra. Mas suas raízes estão fincadas. Seu lugar sempre foi rural, migrou de um sítio para outro.

Lembro dos últimos anos em que a senhora residiu lá e viu, com tristeza, a região se esvaziando com a migração das pessoas para a cidade. Sua venda, que

ocupava uma grande parte de seu coração, começou a perder o movimento, e as pessoas que ficaram, começaram a fazer a feira na cidade. Sempre fui facilmente conquistada por doces, e lá era recheado de confeitos e guloseimas. Era uma venda simples. Tinha cheiro de salame e sabão, uma mistura meio exótica, mas que era um dos meus cheiros preferidos. Significava lar.

Recentemente, senti o mesmo cheiro quando visitei uma padaria em um interior. Rapidamente, o cheiro conectou às lembranças, e um sentimento de felicidade acariciou meu coração. Eu sempre gostava de ficar lá na sua vendinha, não ajudando, para ser sincera, mas para devorar o que tivesse pela frente. Acredito que, quando eu estava de férias por lá, a senhora tinha mais prejuízo do que lucro. Além de encher minha barriga com essas coisas, a parte mais importante vinha depois das refeições: seus doces. De figo, leite, banana, banana com leite e tantos outros. Com um queijo manteiga quentinho. Esse é meu sabor preferido do sítio.

Não que eu não gostasse do picadinho guisado, que era feito especialmente para mim, mas os doces sempre foram os donos do meu coração. E os flaus de goiaba e maracujá em frente à

varanda da casa, enquanto eu admirava a terra se esvoaçando e as folhas balançando. Isso tudo justifica por que nunca fui embora de sua casa com muita facilidade. Sempre ficava um vazio, e era comum eu esperar para não querer ir. Então, a senhora pegava um saco daqueles que vêm com saquinhos de pipocas e misturava um monte de porcarias. Era minha trouxa predileta na volta para casa.

Que saudade, vovó. De correr sem rumo o dia inteiro e voltar toda suja de terra. Das idas para a casa da tia Dinha, para ouvi-la falar sobre seu antigo amor e a felicidade de nunca ter casado. Das sacolas de biscoito que eu levava para comer e, quando menos esperava, a senhora já estava escolhendo os seus.

Nas minhas lembranças mais lindas, a senhora está presente. Somos um laço, mas, antes de tudo, somos um nó de amor construído pela potência de nossas vidas e nossas forças. Somos mais fortes lado a lado.

Com amor, *Maria Aurorinha*.

15 de Setembro de 2020.

Para Aurora, minha flor de laranjeira.

Tenho sentido uma falta imensurável da sua casa, mas não desta em que tenho estado todos os dias. Da sua

casa no sítio, do seu lar. Há algo nesta que não carrega o mesmo sentimento de pertencimento, principalmente por estar acompanhando a sua dor em ter necessitado sair da outra. Sabe o que é engraçado? Eu morei nessa mesma casa quando pequena e tenho pouquíssimas memórias dela. Já o seu lar... sou constantemente direcionada para lá por minhas memórias, em espaços de tempo inusitados. E eu sinto todos os cheiros, gostos, e tudo o que há de mais lindo contempla todo o meu ser em questão de segundos.

Acredito que, nesse período de isolamento eu pude sentir um pouco da dor que a senhora tem sentido nos últimos anos. Saudade de um lar, em seu sentido físico. Lar, para mim, antes possuía esse significado estático. Lhe digo que, se eu continuasse com esse mesmo pensamento, gostaria que o seu lar fosse o meu. Ele me reconecta com minha infância e com minhas memórias afetivas mais doces. Eu me imaginava tantas vezes, já uma mulher adulta, andando sem direção por aquele pequeno pedaço de terra que era tão gigante sob o abrigo do meu afeto.

Durante os três meses iniciais da pandemia, enquanto a senhora estava lá, desejei estar presente. Eu precisava da força que só lá existe. Não só isso, eu

sentia que ali era uma chance para revisitar a menina que eu fui e, talvez, uma esperança de encontrar com a Aurora que cuidava de mim. Mas eu não pude ir. O medo de levar esse vírus maldito, como a senhora mesma diz, era maior do que qualquer saudade. Eu precisava te proteger como tantas vezes você me protegeu. Como quando eu adoeci e chorava todas as noites sem ao menos saber o porquê, foi para lá que fui, para ficar sob tua proteção e ser alimentada pelo seu amor. Mesmo que não fosse demonstrado com muita limpidez, tinha um poder transformador.

Então, vovó, eu precisei ressignificar o meu estar presente nesse lugar, porque estava sangrando por dentro, e eu precisava encontrar uma forma de estancar. Em meio à turbulência eu ressignifiquei um espaço físico para aquilo que toca no meu íntimo e me transborda. Comecei a enxergar e a explorar, então, os lares que habitam em mim, e o seu tem sido o que mais eu necessito visitar. Isso tem sido paliativo para minhas angústias. Fecho os olhos e sinto seu lar, pulsando aqui dentro através das pessoas que estão nele e que compõem o seu aconchego. Fecho os olhos e sinto a presença dos que amo, até dos que já não estão mais lá. Me vejo desbravando cada espaço guardado em mim.

Neste momento em que lhe escrevo, estou me recuperando da minha ida à ponte, perto da antiga moenda de mandioca. Fechei os olhos e deixei que meu coração me guiasse para onde eu precisava ir. Abri a porteira e descí o caminho estreito até chegar a uma pedra. Coloquei os pés dentro d'água, como tantas vezes fiz, deixando meus pensamentos serem levados por sua correnteza, assim como todo o peso dos meus ombros. Respirei o ar mais genuíno que eu poderia encontrar aqui na terra. Estou mais leve.

Enquanto você estava passando essa temporada em seu lar, algumas árvores precisaram ser ceifadas pelas pragas do cupim. Eu não pude me despedir delas, das minhas grandes amigas da infância. Ah, vovó, o quanto que eu brinquei nessas árvores, subindo e descendo sem medo algum de me encontrar com o chão em um tombo. Eu sabia que se eu me machucasse seu amor me traria algum alívio. Entraria em sua casa e um queijo quentinho estaria me esperando para cessar qualquer lágrima que ousasse cair — era seu jeito de bem-cuidar.

Tornei a árvore de bougainville rosa o meu castelo de flores. Ali, naquele espaço, eu via o mais belo dos reinos. Às

vezes, eu ficava indecisa e sentava em meu trono de galhos, na árvore jasmim, feito artesanalmente pela natureza e que me cabia perfeitamente. Eu tinha direito a uma coroa de flores, ainda que feitas por mim. Minha única missão era correr livremente e escolher quais frutas eu iria apreciar naquele dia. A carambola sempre acabava sendo a escolhida.

Eu precisava também tirar uma hora do meu dia para visitar minhas tias Dinha e Betinha, minhas tias-avós, que eram tão suas amigas, e esse era um dos compromissos mais importantes da minha agenda. Sem eles, quaisquer que fossem minhas prioridades eram supérfluas. Quando eu chegava em suas casas, eu realmente me sentia como uma rainha. Os seus melhores sorrisos eram vestidos, digo isso porque não acredito que existiam mais belos que aqueles.

Na casa de ambas havia potes de doces me esperando e eu, como a astuta criança que era, já chegava sondando se estavam cheios o suficiente para mim ou se havia rastros de que outras crianças estiveram ali ocupando o meu lugar. Tia Betinha sempre tentava trocar um doce por um cachinho meu. Ela me dizia que era de ouro, e eu sempre aceitava. Se não fosse por mainha e seu ciúme por cada fio do meu cabelo, não

teria ficado um cachinho. Que tardes deliciosas! Ainda mais quando a senhora resolvia me acompanhar.

Na casa da tia Dinha, assim que eu chegava para passar férias, eu relembrava a ela o meu amor por suas incomparáveis balas de café e por suas broas, nada despretensiosa. A tia até que tentou me ensinar, sempre me mostrava seu caderno de receitas. Já até ousei fazer, mas foi um fiasco. Assim como seus doces, vovó, não tenho o ingrediente principal que vocês possuem, e esse permanece em segredo — no mais íntimo de vocês — e há uma certa impossibilidade em ser desvelado.

No seu pequeno grande pedaço de terra, eu me sentia a pessoa mais importante do universo. A cancela, perdida entre as flores, era o portal mágico onde eu podia ser quem eu quisesse. Tinha tanto medo de ser um sonho, já que, às vezes, realmente parecia ser. Como que eu tinha tirado a sorte grande de pertencer ali? Olhava para todos os outros sítios ao redor e havia um vazio. Mas, hoje, entendo que esse vazio só se esvai quando se tem afetividade pelo lugar e, no meu caso, havia transbordamento, que me fazia sentir incessantemente num sonho.

Quer ver felicidade era quando eu estava na sua vendinha e as pessoas chegavam perguntando quem eu era e a

senhora respondia "é minha neta". Neta de Aurora. Era um título muito importante para mim. Lembra quando eu pegava um ramo de folhas de seriguela e me sentava em frente à varanda, e ali mesmo as comia? Sim, a senhora achava que eu era muito inventada, mas esse até hoje é um dos gostos que me levam até lá. Nem sei se podia comer, mas era como se ali eu tivesse a liberdade de fazer tudo que eu quisesse.

Reviver essas memórias me mostram o quanto que sou forte. Como posso, hoje, viver sem tudo isso? Mais ainda a senhora. Porque eu tenho meu castelo de memórias que cessam a minha saudade. Já a senhora tem o esquecimento que a persegue sem dó nem piedade; resta apenas a saudade, que invade, cada dia mais, um pedacinho do seu coração.

Ah, vovó, como é difícil ver a senhora implorar para voltar pra lá. Me sinto de mãos atadas. Sei que essa saudade deve sangrar todos os dias. Enquanto eu puder, permanecerei viajando por minhas memórias para chegar até o seu lar, e farei questão de levá-la junto a mim.

Com amor, sua neta mais inventada.

10 de Dezembro de 2020

Vovó,

Bem-te-vi. Bem-te-vi. Hoje acordei um pouco atordoada, mas sorrindo. Parecia estar no lugar que tanto amamos. O audacioso bem-te-vi veio à minha janela para me despertar. Antes que abrisse meus olhos, senti aquele momento e desejei que, ao abri-los, ele não se esvaecesse tão repentinamente. A cantiga deleitosa do bem-te-vi se apresentava como uma ostentação no amanhecer do sítio. Um presente diário que tive o privilégio de receber nos meus infintos dias de férias. Se tem um som que posso considerar como pertencente aos seus Queimados, é o desse cantor da natureza. Ao me acordar com esse somido, sabia muito bem onde estava e a felicidade que me aguardava durante o restante do dia. *Bem-te-vi*, na verdade, se traduzia em uma anunciação de *bem-estar* para mim.

Apesar de ter minha caixinha de recordações materiais, guardada no fundo do guarda-roupa — com meus cachinhos enrolados num lacinho, com fotografias desgastadas pelo tempo, com meu umbigo e cartinhas —, há algumas que não conseguem ser apreendidas e foram feitas para serem livres e nos visitarem inusitadamente, sem aviso prévio, como as que cabem na cantiga do bem-te-vi. Às vezes, pareço ser uma viajante do tempo, pois qualquer somido, aroma e sensação se

transformam em um teletransporte para os meus lugares mágicos. Seria assim quando a senhora me acorda de madrugada achando que está nos seus Queimados? Gostaria de pensar que sim. Talvez assim teu coração encontre afago e a senhora se sinta protegida do teu presente.

Enquanto a senhora dorme e sonha, parece que volta a ser a Aurora de antes. E eu fico te ouvindo sonâmbula e imaginando que meus pés ainda correm descalços pelos pedregulhos da sua terra. Parece que, a qualquer momento, vou escutar a senhora fazer meu nome ecoar pela imensidão e te avistarei parada em frente à porta da varanda, avisando que já é hora de entrar. A senhora bem sabia que precisava me chamar para eu voltar para dentro de casa.

Com frequência, fico tentando imaginar pra onde tuas memórias te levam. Vejo você divagando pelos pensamentos. Desejo que consiga viajar tanto quanto eu, ou mais. Tenho tentado ao máximo vivenciar as minhas memórias, vovó. Aprendi com a dor que elas podem se esvaír e que os portais mágicos podem se dissipar. Queria ter conseguido acesso a alguns de seus portais. Queria conhecer um pouco mais sobre a senhora e, talvez, viajarmos juntas, mas agora percebo que não posso mais acessá-los. Apenas vêm à

tona pequenos fragmentos desconexos que tento montar como um quebra-cabeça, mas em vão.

Quando vejo a senhora viajando pelo passado, me questiono se aquilo realmente aconteceu. Eu não deveria fazer isso. Se a senhora sente e se direciona para esse momento, ele deve ter existido, mesmo que apenas ali, nas suas ruínas de memórias. Às vezes, seus fragmentos duram semanas e são reproduzidos todos os dias. São misturas de conversas que se tornam a sua versão memorialística. Sua filha mais nova percebe minha urgência em querer te acompanhar nessas viagens e, às vezes, consegue traduzir de onde vêm os fragmentos. Apesar de o sentido se encontrar soterrado, em alguma medida é possível encontrá-lo.

Há uma mistura de histórias. Me sinto constantemente em um jogo de pega-varetas, tentando tirar uma por uma sem revirar as demais e destruir a estrutura em que a senhora encontrou para organizá-las.

Quando perguntei se podia escrever sobre a senhora, não tinha esperança de ter sua bênção. Mas, surpreendentemente, recebi seu consentimento, apesar da ressalva de que eu nem aumentasse, nem diminuísse, apenas que escrevesse o certo. Mas o que é o certo através das minhas lentes? Será que

meu amor é suficiente para chegar a essa orientação desejada? E é nesse momento que me sinto mais uma vez desejando uma resposta sua. No entanto, preciso me contentar em vasculhar seu desejo pelas frestas do que me restou sobre o quanto — que considero pouco — conheço da senhora.

Quando seu olhar está distante e sua presença se torna apenas física, eu encosto minha cabeça em suas pernas como uma tentativa de apaziguar a distância e o fato de eu ter perdido o trem que te levou pelo caminho das tuas lembranças. Ali, agora, a entrada parece que só lhe é permitida. Só a senhora consegue passar pelos buracos e destroços até encontrar um centímetro de sentido.

Espero que, assim como o bem-te-vi me leva para as minhas viagens, a senhora tenha seus portais mágicos que te afaguem o coração e a façam visitar inusitadamente suas memórias, principalmente quando o presente estiver lhe estraçalhando por dentro.

Esse é o meu *bem-querer*.

Aurorinha.

15 de Dezembro de 2020

Vovó,

A senhora sempre soube para que veio ao mundo, penso eu. Acredito que a minha própria bisavó Marieta não colocou seu nome em vão; já sabia que sua filha seria um espetáculo por conta própria, assim como a aurora boreal, um fenômeno luminoso da natureza. Sempre foi impossível que sua passagem por algum lugar não deixasse resquícios de luz, mesmo que à sua maneira peculiar. No outro fenômeno com nome homônimo ao seu, há cores que só podem ser vistas com lentes apropriadas. A senhora também, vovó. Essas lentes propiciam maior qualidade para alguns aspectos de sua personalidade que, vistos a priori, podem ser distorcidos, já que as infindas sutilezas contidas dentro de si se encontram soterradas em seu mais íntimo.

Por um longo hiato de tempo, eu me encontrei escassa dessas lentes e, assim, minha miopia tornou sua imagem embaçada e deturpada. Como colocar óculos pela primeira vez, olhei para a senhora com outro olhar, agora com mais nitidez e sob a regência do meu amor. A senhora sempre foi muito regrada e com algumas normas próprias de distanciamento que eu sempre achei que deveria respeitar. Penso que, quanto menos mostrasse sentimentos, mais protegida se sentia. Tinha também a sua impulsividade

em dizer tudo que lhe convinha, num exercício contínuo de “doa a quem doer”, mesmo direcionado para aquelas que, aparentemente, eram suas protegidas.

Sua outra neta, uma vez, brincou comigo e disse-me que tínhamos na função de avó duas por uma: a senhora, com seu jeito de cuidado um pouco diferente do que víamos em outras avós, e a nossa tia-avó, tradução de afeto que nos preenchia com seu zelo e amabilidade. Quando sentíamos que nos faltava algo na senhora, era só descer ladeira abaixo e abrir a porta da casa de titia, que éramos encobertas pela sua afetividade. Escolhi e fui escolhida por algumas outras avós, numa tentativa desgovernada de suprir o que sentia que a senhora não me dava. Fui abençoada com muitos laços não sanguíneos de avosidade. Não de avô; mesmo distante do vovô, nunca me senti carente desse amor. Tinha algo só a ver com a senhora. Era de você que eu me sentia carente. Em partes, vejo que minha carência era um reflexo da minha incompreensão.

Lembro que a senhora ficava enciumada quando eu falava sobre minhas outras avós. Hoje sei que, em algum momento de sua vida, foi ferida. Independentemente do que lhe causou dor, precisou criar seus próprios curativos e

precauções para evitar novas feridas. Sei, hoje, que a senhora amava do jeito que sabia amar, mesmo não sendo do jeito que eu esperava que fosse. A sua perda de memórias me fez reencontrá-la e reencontrar o seu amor que eu tanto queria, mas não sabia que já o tinha. Estava em cada flau que fazia à minha espera para passar as férias; no dinheirinho que me presenteava constantemente; nas vezes que eu podia entrar na sua vendinha e me apossar dos doces; no doce de leite com banana feito para mim; quando eu dormia no quarto com a senhora e o vovô; e em tantos lugares e detalhes que eu não pude enxergar antes.

Por mais nítidos que me pareçam agora, antes eu só via o seu distanciamento. Hoje, com minhas mais sinceras desculpas, vovó, eu não respeito qualquer distância que possa existir entre nós, mesmo as causadas pelas ruínas de suas memórias. Deito-me em suas pernas, mesmo quando sou esquecida. Ali, encontro um abrigo para suportar a distância que sua doença causa. Espero que compreenda, pois agora irei aproveitar todo amor que me for oferecido pela senhora e, mesmo quando eu não puder ver, eu irei sentir.

Com amor, sua neta um tanto incompreensível.

28 de Dezembro de 2020

Voinha,

Escrevo para te dizer que sua casa está inteiramente remendada e repleta de gambiarras. Sabemos bem quem é o responsável por essas artimanhas, mas não fique chateada antes que eu possa te mostrar o que ando espiando. Tem fitas crepe espalhadas em lugares inusitados: nas cadeiras, nas tomadas, nas portas, nas paredes e em qualquer outro lugar que a senhora possa imaginar. Eu até paro para entender por que algumas fitas foram colocadas em determinados objetos e, para ser sincera, não chego a nenhuma conclusão. Numa primeira impressão, parece que estão ali apenas como parte da decoração.

A luz do banheiro agora é uma extensão que vem da sala e fica pendurada na porta, com uma pequena lâmpada emaranhada em um fio. A iluminação fica quase inexistente. Tomar banho à noite lá tem sido quase como à luz de vela. Apesar do medo de me deparar com uma rã ou qualquer outro bicho, eu me desvencilho desse pensamento e me permito aproveitar essa experiência que é afável ao meu íntimo. Parece que dá para sentir cada jato de água que cai sobre o meu corpo. A estrutura do chuveiro tem ajudado para

isso. A ducha está pendurada sob o chuveiro para completar a água que cai dele, já que em seu meio não estava mais jorrando água. A decoração atual do seu banheiro é com esse conceito de objetos suspensos.

A torneira que fica no outro banheiro está amarrada com um pedaço de fitilho de plástico. A olho nu, só vemos uma estética à base de improvisos. Mas sabe o que eu tenho sentido, vovó? Não é apenas a sua casa que está ferida com sua ausência. Vovô remedia com as fitas não apenas o desmoronamento de sua morada, mas o do próprio coração.

Não é novidade que ele é o rei das gambiarras e tem um jeito bem singular de consertar as coisas, mas parece que, ultimamente, isso se tornou ainda mais obstinado nele. Ele passa o dia inteiro procurando o que remendar. Penso que cada fitinha que ele coloca é um curativo feito na alma, como se tentasse cuidar daquele lugar que é teu, mas que não tem mais a sua presença por lá. Como se tentasse cuidar do próprio coração a cada vez que senta à mesa e não te encontra ao lado; quando vai à antiga vendinha pegar alguma ferramenta e encontra apenas a solidão; quando chega ao final da noite e se encontra ocupando uma cama que antes tinha seu espaço dividido para dois.

A sua ausência física lá tem sido um tanto dolorosa para o vovô, principalmente quando ele lembra o que te levou para longe. Sua presença nunca foi de passar despercebida por onde quer que fosse, então imagina a convivência diária durante sessenta anos e, de repente, esse convívio se esfacelar. Entendo também os motivos de vovô não querer sair do sítio. Apesar de doer em mim, perceber a sua saudade, vovó, ali estão os anos mais felizes da vida dele, onde ele deve encontrar a Aurora desses anos de tantos compartilhamentos.

Quando ele vem à cidade, sente-se acorrentado. Sua liberdade de perambular o dia inteiro, até esquecendo os horários dos remédios — se esvai e não tem como ser encontrada. Dói quando ele olha para o lado e, às vezes, a senhora nem o reconhece mais. Isso deve sangrar. Por isso, a urgência em estancar o desmoronamento com as fitinhas, tanto do coração quanto da casa que foi arquitetada pela senhora, que planejou e transformou aquela antiga casinha de taipa em uma de alvenaria.

Ao saber disso, meu amor cresceu ainda mais por aquele lugar. As flores e plantas que ornamentavam a frente de sua casa já não existem mais, nenhum resquício concreto de que ali havia essas

outras vidas. Só que eu ainda consigo enxergá-las. Ali, mesmo tão vazio em sua concretude, ainda está opulento aos meus olhos. Em umas fotografias antigas e em minhas longas viagens por entre minhas memórias, vejo e sinto o cheiro das muitas flores que embelezavam sua terra.

Sua casa, apesar de estar oca fisicamente, está estruturada por lembranças, amores, afetos e sorrisos. Quando estou lá, os barulhos das risadas e do corre-corre de crianças entre a cozinha e a mesa de jantar ecoam por entre meus ouvidos. Parece que, a qualquer momento, meu eu menina vai me derrubar enquanto corre destrambelhada como se não houvesse amanhã.

Os feriados e as datas comemorativas não são mais no sítio como todas as santas vezes, mas eu continuo sentindo o mesmo amor por essas datas e o mesmo sentimento de felicidade. Não que eu não prefira estar lá, mas isso não significa que lá não está aqui em mim. E é por isso que eu permaneço sentindo o aconchego que essas datas comemorativas me presenteavam.

Quero lhe tranquilizar, vovó, que, apesar dos remendos, do silêncio, da sua não presença e da ausência dos seus entes, a sua casa nunca estará vazia. Não

enquanto houver amor e memórias para povoá-la.

Encerro aqui lhe respondendo o que provavelmente a senhora deve estar se perguntando sobre que armada são essas flores secas dentro do envelope. Elas são as mesmas que embelezavam os seus Queimados. Envio para lhe lembrar que, ao tocá-las, meu coração e o seu podem dar novas vidas e memórias a elas, mesmo que nossos olhos não nos mostrem o mesmo.

Com amor, Aurorinha.

18 de Fevereiro de 2021

Vó Aurora,

Eu nunca comentei com ninguém meu desfortúnio com os domingos, uma espécie de rancor por esse dia, sabe? Domingos me lembram partidas. No plural mesmo, porque não foram poucas. O ir embora acompanhado do iludido “até logo” de quem não sabe quando volta. Eu sempre ia embora da sua casa nesse bendito dia. E, como bem sabemos, não era com facilidade. Todo desagrado começou aí. O amanhecer já era meio borocoxô, um sofrer por antecedência de saber que o amanhecer do outro dia não seria ali, e que o bem-te-vi não seria meu despertador. Eu até ficava zangada com o bem-te-vi por que ele estava me acordando

nesse dia quando não o faria no outro. Parecia que ele estava propositalmente me nutrindo de expectativas que não poderia suprir depois. Coitadinho, nem ele conseguia acompanhar meus sentimentos, já que nos outros dias sua presença era quase que obrigatória para meu amanhecer ser estupendo.

Ir embora significava que eu acordaria sem tantas coisas no outro dia. A terra seria lavada do meu corpo assim que eu chegasse em casa; o tempo voltaria a passar com menos calma, sem que eu pudesse sentir totalmente a minha respiração; o vento não teria onde fazer a curva de tantas paredes coladas umas nas outras; meus ouvidos não estariam mais ao som das cantorias da natureza e logo seriam enxurrados com uma disputa de barulhos poluentes; meus olhos não veriam mais cores vívidas e afabilidade em cada uma delas. Bom, preciso ser honesta: na segunda eu sentiria falta de tudo isso, mas não seria tão assíduo quanto parecia ser no domingo, porque eu estaria no meu outro lugar de amor que, apesar de não ter tudo isso, teria outras coisas que me acalentariam, vovó.

Mas tudo mudou quando eu estava quase beirando meus quinze anos, quando me mudei para a capital e o domingo — que eu acreditava já ter alcançado o auge

do desprazer por esse dia — se tornou ainda mais o meu caos interior. Não lembro ao certo quando meus pais decidiram sobre minha mudança para a capital, mas sei, com toda certeza, que estive bem distante de participar dessa decisão. Procuro me defender dessa truculência que eu fiz comigo mesma e não encontro mais do que duas desculpas esfarrapadas.

Recordo-me apenas de estar no antigo Santana de painho, abarrotado de malas e bugigangas que, mesmo eu necessitando de pouco espaço, quase não me couberam. Estava apertada pelas malas e, sobretudo, pelo coração. Fixei meu olhar pela janela do carro, fingindo me importar com a paisagem, mas sentia apenas as lágrimas caírem dos meus olhos — diria que estavam tão amedrontadas quanto eu. Era o abominável dia. Desfazer as malas foi quase como se eu estivesse tirando pedaços de mim para ocupar aquele apartamento. Ele tinha um cheiro de vazio.

Depois de anos, ainda não sei quem são meus vizinhos — se os encontrar na rua, será como se os estivesse vendo pela primeira vez na vida. Acredita nisso, vovó? Para quem conhecia todas as pessoas das redondezas por nome, sobrenome e apelido, isso é como se sentir morando na Terra sozinha, mesmo rodeada

de gente. Quase tudo permaneceu vazio, mesmo que eu me encontre acomodada depois de tantos anos. Pertencente, não: estaria enganando a mim mesma.

Assim, vovó, os domingos, que já não eram agradáveis na minha doce infância, se tornaram solitários e frios, sobretudo quando eu tinha que ficar na capital. Dizem por aí que é o dia do descanso, mas esse efeito nunca foi sentido por mim. Parece mais que um trator me encontrou pelo meio do caminho e me fez parte da estrada. Fico quebrada, para não dizer despedaçada.

Ao contrário de quando eu ia embora da sua casa e encontrava meu outro lar, que tinha o mesmo poder de completude, quando eu voltava do meu interior para a capital, eu tinha uma escassez de acalento. Pisar no chão nesse lugar era como uma corda bamba, meu equilíbrio era quase inexistente.

Sabe qual a minha maior dificuldade, vovó? Desde que senti o tempo em seu sítio, eu nunca mais o soube sentir nos outros espaços sem padecimento. Tudo é muito rápido; parece que somos engolidas por ele e, quando vemos, já estamos prestes a dormir sem conseguir contabilizar o tanto que tivemos que lutar para dar conta dele durante o dia. Já em seu sítio, nós somos contempladas e

presenteadas por ele. Há uma lentidão em passar que nos oferece calma. Nunca senti tédio. Pelo contrário, quanto mais lento ousa a passar, mais coisas para apreciar aparecem.

Era só um desabafo mesmo, vovó. E para dizer que, quando estou pertinho da senhora, temos o mesmo passar do tempo e isso é lar para mim.

De quem sente infinita saudade de nosso tempo, Laura.

22 de Março de 2021

Minha querida vovó,

Tem sido cada vez mais difícil falar sobre memórias com a senhora, que já não me reconhece mais. Perdoa-me por lhe trazer tantas memórias em minhas cartas, mas é que a maioria das minhas são inundadas com a sua presença. Eu pensava não lembrar muito de minha infância, mas, de repente, me vi revivendo doces momentos dela, não quando quis forçar lembrar, mas quando permiti que meu corpo ocupasse a sua função por excelência de ser a porta para as sensações que me levariam até elas. Eu consegui encontrá-las, recriá-las e reinventá-las.

Passei a utilizar os sentidos para despertarem minhas memórias. Eles me causam um fluxo enérgico que se ramifica

por todo o meu corpo, me dando uma percepção de inteireza. Através de um cheiro. Um gosto. Um toque. Um barulho. Um olhar. E todos juntos reverberando intensamente. É incrível como nos remetemos a alguns espaços de tempo e lugares em questão de segundos apenas por nossos sentidos.

Teve um dia desses, vovó, que a cozinha de lá de casa estava exalando um cheiro que não me era estranho. Aquele cheiro foi entrando pelas minhas narinas e deu um choque de alegria no meu coração. Eu sorri de felicidade instantaneamente. O aroma vinha de uma sacola que estava em escanteio no chão. Aproximei-me e vi que estava cheia de figo verde. Sabe que, até então, eu nunca tinha sentido o quanto ele era cheiroso? Na verdade, acho que é mais do que isso. É um cheiro particular de gratidão.

Naquele momento, parecia que eu estava no quintal de sua casa, colhendo os figos para fazer doce. E, logo em seguida, a senhora estava naquela cadeira de balanço feita de nylon azul, na varanda que dá para o quintal, descascando um por um. Suas mãos, num exercício ritmado, pareciam que estavam esculpindo uma obra de arte. Depois o cheiro do figo se misturou com açúcar e as lembranças

foram ficando ainda mais doces. Foi mágico!

Eu tenho uma brincadeira solitária de olhar fotos antigas da época em que ainda me rastejava no chão. Fico me imaginando querendo alcançar todos os espaços da casa, em que os obstáculos eram apenas os móveis e as portas. Basicamente, apenas o que era concreto ocupava essa função de barreira. Gosto de me direcionar para a época em que descobri que correr desenfreada me oferecia um vento genuíno em meu rosto, com aroma de pureza, e que embaraçava meus cabelos encaracolados. Correndo assim, parecia que eu alcançaria o mundo em segundos.

Hoje, os obstáculos não são concretos e, quando abruptamente eles surgem, parecem não ter escapatória; é muito mais difícil sentir a leveza e a ingenuidade do vento. Tentar alcançar o mundo agora é como se, em segundos, infinitos cacos de vidro estilhaçassem o meu corpo.

Zarpando momentaneamente da minha realidade dos vinte e poucos anos, adentrei em meus álbuns de quando ainda estava na fase de transição entre engatinhar e dar os primeiros passos. Lá, encontrei uma fotografia em que não estava solitária, vovó. Eu estava nos seus

Queimados, ao lado da beleza da bougainville que me acompanha em tantas outras fotografias, nas minhas mais desabrochantes idades. Meu amor por ela não surgiu fortuito. Ali estava eu, florescendo minhas primeiras andadas, e a árvore, suas primeiras flores. Tão nova quanto eu.

Minhas mãozinhas apontadas para a frente sinalizavam que eu buscava o equilíbrio em alguém. Meus pezinhos inseguros buscavam encosto imediato quando um flutuava para alcançar o próximo passo. O chão que a sustentava era o mesmo que me mantinha firme para não cair. Meus olhos mostravam meu divertimento com toda aquela novidade. Meus primeiros passos de tantos que jamais sonhei em dar. Tinha medo, mas tinha mais anseio por andar. No chão empoeirado, tentava me equilibrar para manter-me firme ao chão. A árvore

atentamente olhava meus movimentos. E embelezava toda a ocasião, eternizada em uma fotografia e em meu coração. Éramos duas florescendo na mesma época.

Aquela recordação não era só minha. Ao longo da minha infância, reencontrei-me tantas incontáveis vezes com aquela árvore. Eu, ansiosa para conhecer o mundo que tinha dentro

daquele chão de terra; ela, meu trono-divindade de apreciação das belezas ao redor. Sentada em seus galhos tão firmemente amadurecidos, que comportavam meu peso, eu conseguia estrategicamente olhar todas as direções. Ela ficava em um ponto mais alto, contornada por pedras guardiãs, e se mostrando exuberante. Meu reinado tinha a proteção feminina das coisas.

Na adolescência, ali ainda estava ela. Eu a mirava atrás de uma janela que, da distância em que me encontrava, parecia um quadro emoldurado pelo contorno da madeira, com o centro ocupado pela paisagem mais bonita que meu coração escolheu.

Hoje, adulta, encontro-me engatinhando novamente. Aprendendo novos passos e buscando construir novos caminhos. Ela, por sua vez, volta a florescer rastejando, como se estivesse nascendo de novo. O cupim se apossou de suas raízes e tentou roer sua essência, mas ela se reergueu. Sabe, vovó, nem a bougainville se desvia dos obstáculos da vida. Ela, minha guardiã de memórias, se reergueu e me ensinou que, mesmo na adversidade, e quando ninguém mais espera, é possível voltar a florescer.

Pode não estar ainda tão viçosa quanto antes, na época em que eu me

sentava na varanda que dava para ela e olhava o vento balançando suas flores e fazendo-as dançar. Pareciam movimentos previamente ensaiados e milimetricamente perfeitos. Hoje, parece uma tímida dança, mas, mesmo assim, dança pra vida. Permanecemos nos acompanhando: eu, às suas danças; elas, aos meus passos.

Precisei trazê-la aqui, vovó, para te lembrar que te chamarei para dançar pra vida quando os obstáculos parecerem ser mais fortes que o vento que sopra leveza. Vamos nos reerguendo e florescendo mais uma vez, mesmo que em movimentos não tão ritmados — mas, ainda assim, dançando para a vida.

Da sua neta que dança timidamente, Laura.

Referências

- Anzaldúa, G. (2000). Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. *Estudos Feministas*, 8(1), 229-236.
- Anzaldúa, G. (2021). *A vulva é uma ferida aberta & outros ensaios*. A Bolha Editora.
- Cabrera, M. (2016). Corpografias: Foto-ensayo. *Espacialidades feministas – Boletina Actual*, 5, 64-71. Escuela de Estudios de Género.
- Collins, P. H., & Bilge, S. (2021). *Interseccionalidade* (R. Souza, Trad.). Boitempo.
- Mãe, V. H. (2019). *As mais belas coisas do mundo*. Biblioteca Azul.

- Nascimento, L. (2021). *Transfeminismo*. Editora Jandaira.
- Oliveira, E. C. S., Bleinroth, M. L. M., & Silva, Y. M. (2021). Desobediências epistêmicas e pesquisas monstruosas em psicologia social. In L. R. Cruz, B. Hillesheim, & L. M. Eichherr (Orgs.), *Interrogações às políticas públicas: sobre travessias e tessituras do pesquisar* (pp. 13-32). ABRAPSO.
- Streck, D. R. (2006). A educação popular e a (re)construção do público. Há fogo sob as brasas? *Revista Brasileira de Educação*, 11(32), 272-284. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782006000200006>
-

Maria Laura Medeiros Bleinroth.
Universidade Estadual Paulista (UNESP)
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1143-97196>
E-mail: laurableinroth@gmail.com

Érika Cecília Soares Oliveira.
Universidade Federal Fluminense (UFF) .
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4877-0971>
E-mail: erikaoliveira@id.uff.br

Submetido em: 23/01/2025

Aceito em: 19/02/2025

Contribuição dos autores:

Concepção: M. L. M. B.; E. C. S. O.
Coleta: M. L. M. B.; E. C. S. O.
Redação do manuscrito: M. L. M. B.; E. C. S. O.
Análise dos dados: M. L. M. B.; E. C. S. O.
Revisão e edição: M. L. M. B.; E. C. S. O.
